

P — Faz uma rápida análise do teu trabalho.

Chico — Bom, eu sou um artista de televisão. Eu criei na televisão o programa de vídeo-tape, o programa de um cara só fazer vários personagens. Isso foi criado por mim no mundo. Não tinha no mundo quem fizesse isso. Não acho grande vantagem, acho mais é uma loucura.

P — Quem influenciou você?

Chico — Quem mais me influenciou foi o Alec Guinness. Houve um momento em que eu parei pra pensar comigo e me disse: não há como eu ser tão engraçado como o Costinha, ou como o Golias. Então eu não vou poder nunca fazer um tipo de trabalho como esse. Não vou poder competir com eles nunca. Então eu tenho que criar uma jogada pra mim. Porque ou eu crio uma jogada pra mim, ou eu vou ser mais um, sabe? Então como eu fazia imitações, tinha sido calouro, me disse: olha, eu vou ser aquele que faz vários. Então eu não vou aparecer de cara limpa nunca. Eu vou ser sempre vários personagens. Foi quando pintou o vídeo-tape e eu pude fazer um programa editado, porque antes era

tudo ao vivo. E eu era o único ator no mundo que fazia um programa representando vários personagens. E se não tivesse aparecido mais ninguém, até hoje era eu.

P — Você começou no rádio já com essa característica?

Chico — Não. No rádio eu era locutor, fazia radionovela, era outro papo...

P — Mas já havia a Escolinha do Professor Raimundo...



A imprensa tem má vontade com a Rede Globo



Chico — Sim. Mas eu só fazia o Professor Raimundo. Porque eu não trabalhava nos meus programas, eu dirigia. Então eu só trabalhava no programa do Haroldo Barbosa, do Antônio Maria, do Sérgio Porto... E eles só me escalavam pra fazer o Professor Raimundo. Então não conseguia fazer o Santelmo, aquelas vozes todas... Não me deixavam nunca. Então em 56 eu fui pra televisão, e aí pude fazer todos. E em 60 veio o vídeo-tape. Aí eu pude fazer o programa. Esse programa que está lá na Rede Globo tem 30 anos no ar. Eu posso solicitar uma inclusão no Guinness Book of Records, porque nin-

guém tem saco de fazer o mesmo programa durante 30 anos. Ainda mais botando maquiagem, tirando peruca, botando peruca, tirando peruca, pinta de preto, pinta de branco...

P — Quanto tempo você leva pra preparar um programa?

Chico — Não sei. É que eu faço aos pedaços, né? Ou seja, quando eu faço o Pantaleão, naquele dia eu faço seis... Graço toda segunda, terça e quarta. Por isso que o Jô parou: de preguiça. O Jô não podia ter parado. Sabe, a parada do Jô, pra mim, foi como se a mesa perdesse uma perna. Porque nós éramos quatro pernas segurando uma mesa, não é? O

Renato Aragão, o Jô, eu e o Agildo. Nós quatro segurávamos esses empregos. E o Jô parando, a mesa ficou com três pernas...

P — Você diria que o Jô parou por validade, pra mostrar quão versátil ele é?

Chico — É. Claro. Acho que é só isso. Isso, e preguiça, a idade...

P — Mas ele também pode ter se surpreendido com uma capacidade de entrevistador que ele...

Chico — NAAAAAÃO. Isso ele já sabia. Em primeiro lugar, ele já tinha feito isso com o Silveira Sampaio, anos atrás. E em segundo lugar, é o caminho óbvio do comediante. O Johnny Carson quando parou de fazer o *Tonight Show* foi ser comediante e faz 26 anos que ele faz. E na América há doze que fazem isso. A impressão que dá é que o Jô acha que inventou a entrevista. Isso, quando a Marília Gabriela já apresenta há séculos, o Clodovil faz, todo mundo faz. A TVE vive disso. Há um monte de programas desses. Agora, é cômodo: com a roupa que você bota, você faz a semana

inteira de programas. E é um barato: não tem que decorar nada... E isso foi a preguiça do Jô. Porque ele não pensou no resto do elenco. Como é que ficou o Max Nunes agora?

P — Mudando de assunto. Porque acha que o teu humor tem tanta aceitação popular, apesar das críticas?

Chico — Esses dias, a Folha de S.Paulo, pra me sacanear, botou assim: "Chico Anísio há quatro décadas tenta impor o seu humor". Porra, se eu tô há quatro décadas nisso, isso já é um elogio! É que eu faço o Azambuja, que é a cara deles, eu faço o Silva, que é a cara deles. Eu sou um nordestino, eu sou um deles. Apenas eu tive sorte. Porque o mesmo preconceito que há contra o negro, há contra o nordestino. O nordestino é sempre o empregado, é sempre quem serve. O dono da empresa é o Tarcísio Meira, não eu.

P — Você não tem então aquela bichice de artista que não pode mais sair no supermercado, essas frescuras?

Chico — De jeito nenhum. De jeito nenhum. Eu sou um deles, eu não tenho porque não estar no meio deles.

M A D E I N B R A S I L .

COLEÇÃO OUTONO-INVERNO E LINHA AERÓBICA BRASIL SUL.



RUA HOFFMANN, 724  
FONES (0512) 22.6124 - 25.0160